

DO EXÓTICO AO REQUINTE: o candomblé e a umbanda na cidade de Montes Claros-MG em 1960

Of the exotic at the require the candomblé and the umbanda
in Montes Claros city on 1960's.

José Vinícius Peres Silva ^(*)

Resumo

O presente trabalho traz um breve apontamento entre as relações próximas das religiões de Matriz Africana, o Candomblé e a Umbanda no contexto do fotojornalismo brasileiro na década de 1950 e 60. Desta forma, destacamos no cotidiano das representações visuais contida na reportagem produzidas na revista “Encontro” da cidade de Montes Claros/MG. Por meio de diálogos com a visualidade, as representações estudadas no trabalho apontam para uma aproximação forte entre ideias superficiais a questões antropológicas acerca dessas religiões.

Palavra-chave: Fotojornalismo. Candomblé e Umbanda. Representação.

Abstract

The present work briefly points out the close relations between the religions of the African Matrix, Candomblé and Umbanda in the context of Brazilian photojournalism on 1950s and 60s. In this way, we highlight the everyday visual representations contained in the article produced in the journal "Meeting" of the city of Montes Claros / MG. Through dialogues with visuality, the representations studied in the work point to a strong approximation between superficial ideas and anthropological questions about these religions.

Keyword: Photojournalism. Candomblé and Umbanda. Representation.

1 INTRODUÇÃO

A presença das referências visuais nas religiões de matriz africana pode ser notada desde o século XIX, todavia, seria em 1951 que uma fotorreportagem de uma revista de circulação nacional causaria grande impacto entre o público, os formadores de opinião e os praticantes do candomblé. Em uma matéria da revista *OCruzeiro*¹, essa publicação trouxe a matéria intitulada *As noivas dos deuses sanguínários*. Nela,

^(*)Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Social na Universidade Estadual de Montes Claros- MG. Professor de História na Educação Básica da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais.

E-mail: zevinicius1@hotmail.com.

¹Vários veículos midiáticos, que abordavam assuntos culturais passaram a fazer parte da vida dos brasileiros a partir dos anos 1940. Como destacado, gigantes do entretenimento tiveram seu auge como é o caso das revistas: *Cruzeiro*, *Manchete*, *Belo Horizonte*, *Alterosa*. A revista *O Cruzeiro* conforme Jorge Luiz Romanello (2009, p.1) o periódico “era sem sombras de dúvida o mais importante veículo de comunicação do Brasil na época”. O público perpassava quase quatro milhões de leitores. Desde o seu lançamento em 1928, a proposta de um veículo moderno com um estilo inovador enquadrava segundo o autor “perfeitamente com os apelos modernizantes fartamente divulgados na década anterior” (p. 2).

abordava-se um terreiro de Candomblé em Salvador, Bahia, onde foram realizadas cerimônias de iniciação na religião. As fotografias que retratavam a rotina do terreiro, rituais e sacrifícios sendo atos que até então eram inéditos para o fotojornalismo brasileiro da época. A partir desse momento o Candomblé e os cultos de Matriz Africana foram apresentados sobre um meio que propiciava uma visibilidade dentro do contexto nacional. Desta forma a temática sobre os terreiros ganharam força dentro dos noticiários brasileiros do período, proporcionando uma maior aceitação nas páginas dos periódicos, ocorrendo uma mudança gradual de olhar sobre o espetacular, para uma visão permeada por uma leitura antropológica das práticas culturais.

A revista *Encontro* de Montes Claros, Minas Gerais, nos anos 60, veiculou uma matéria com o título *Nos Terreiros de Umbanda e Candomblé- Mistério e Pompa dos Ritos Fetichistas*. Dentro desse contexto, dois pais de Santo, José Fernandes da Umbanda e Pai Teresino do Candomblé, destacaram-se como os sujeitos retratados nessa reportagem.

Para entendermos esse contexto, elencamos nosso trabalho à fotografia e fotorreportagem como fonte de pesquisa. Desta forma, perceber a imagem enquanto uma fonte histórica necessita de uma metodologia própria e específica. Observar todos esses aspectos das instâncias nas quais as imagens são produzidas e veiculadas. Aiconosfera, construída por meio da veiculação e apropriação de imagens, perpassa todo esse ambiente em que a imagem se insere e ainda o modifica (MENESES,2005).

Elaborada para funcionar como um jogo de espelhos, a fotografia, suscita a ilusão de substituta da própria realidade. As imagens não são dadas como meras evidências indiciárias, são construções imaginárias. Elas não se reduzem a evidências documentais, objetivas, pois, são simbolizações construídas histórica e socialmente. Vistas por esse ângulo, o que importa resgatar e discutir é o modo como as imagens idealizam, metaforizam e constroem um campo de significação (KOURY, 1998).

2 ENCONTRO DE MONTES CLAROS-MG, E OS CULTOS “FETICHISTAS”

A fotorreportagem da revista de variedades regional, *Encontro* produzida na década de 1960 na cidade de Montes Claros em Minas Gerais. Produziu a reportagem *Nos Terreiros de Umbanda e Candomblé, Mistérios e Pompa dos Ritos Fetichistas*, publicada no ano de 1964, com textos de Haroldo Lívio e imagens da dupla Waldevino Fátimo de Lima, e Rilson Santos. A matéria chama atenção por ter sido

amplamente ilustrada, tendo sido publicada com quatorze fotografias em preto e branco, distribuídas em seis páginas numa reportagem que inicia a quinta edição do periódico ilustrado.

O editor-chefe e criador da revista em Montes Claros, Lúcio Marcos Benquerer, teve formação em Economia e Sociologia que proporcionou sua ligação como Jornalismo e aumentou seu interesse em realizar o projeto da revista ilustrada. Mantendo trabalhos com a imprensa local como o *Jornal Montes Claro*, na década de 1950.²

Conforme Lúcio Benquerer; Konstantin Christoff, Waldir Senna Batista e Haroldo Lívio estavam à frente na idealização do projeto bem como na sua produção. A atuação descrita pelo entrevistado vai desde a medicina, advocacia entre outras atuações do cotidiano. Isso possibilitaria que as pessoas que executavam tais trabalhos estivessem em contato com o ambiente jornalístico do contexto de Montes Claros da década de 1950 e 60. Sobre essa relação, Lúcio Benquerer morava na capital, Belo Horizonte, no período que esteve à frente do projeto. Por isso, mantinha dois endereços fixos, e a fabricação era feita na mesma cidade. A sede que pertencia a Montes Claros era mantida para produção do material, das reportagens e funcionava como departamento da administração.

Por ser uma revista de variedades, as imagens eram pensadas como foco central na redação que a publicação mantinha, algo parecido aos grandes periódicos ilustrados da época como *O Cruzeiro* e *Belo Horizonte*. As fotografias destinadas às inúmeras matérias que intercalavam sobre cotidiano, eventos culturais e esportes. No que diz respeito a grande dedicação da revista em colocar sempre as imagens em seu trabalho, existia um departamento específico para isso. Assumia o setor dedicado exclusivamente à fotografia; Arnaldo Caldeira, José Gomes, José Gonçalves e Waldevino Fátimo de Lima. Com pessoas específicas para produzir esse trabalho fundamental da revista, isso revelava um poder muito grande e cuidado com essa parte do periódico.

Essa medida que passa a ser adotada a partir do final dos anos 40, conforme Ivete Batista Almeida (2014), que citando a *O Cruzeiro*; “as revistas brasileiras começam a importar menos imagens das centrais de informação estrangeiras e passam a ter os seus próprios departamentos de imagem” (pg 30). Desta forma, o grande valor que se dava as imagens e as suas qualidades estiveram ainda presentes nessa publicação

²As informações aqui constadas foram recolhidas para fins informativos por meio de entrevista oral. Não se configura como objetivo o uso das entrevistas como análise de fonte.

devido as já consolidadas formas de trabalho mantidas por outros periódicos desse meio.

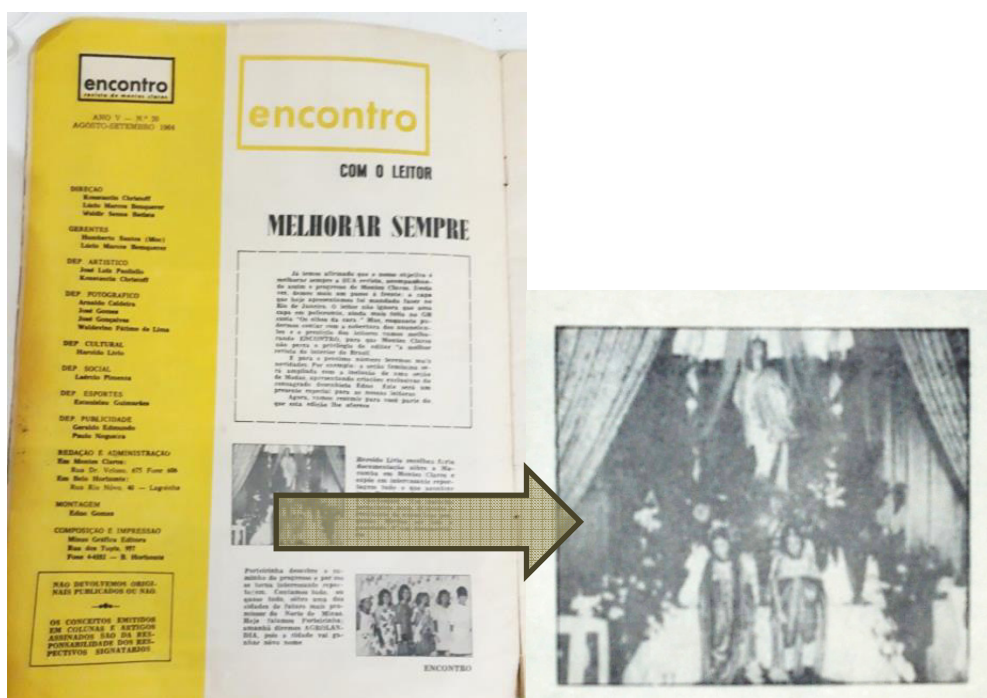
A referida reportagem foi feita com o acompanhamento de Waldevino Fátimo e seu companheiro assistente Rilson Santos, que mantinha uma relação próxima na sua produção, fazendo outras matérias fotográficas para o periódico. Como já destacado, os dois não estavam ligados diretamente à imprensa, mas mantinham diversos trabalhos que produziram uma referência para o cotidiano da cidade. Por isso, a proximidade dos dois fotógrafos facilitava na produção de matéria e cobertura de eventos que a revista produzia.

Outro ponto, a respeito da edição estudada, foi à ligação entre o departamento próprio de fotografia que a revista mantinha com o setor dedicado a cultura. Uma das pessoas que estavam à frente, desse departamento e que também foi o redator da reportagem aqui estudada, Haroldo Lívio, mantinha uma relação de proximidade com tal temática. Segundo Lúcio Benquerer, o também falecido chefe do setor dedicado a assuntos culturais mantinha uma relação muito próxima por fotojornalismo e por assuntos temáticos e diversos que diferenciavam do cotidiano de Montes Claros, nesse momento. Conforme o entrevistado, sua formação em sociologia poderia ser um fator que contribuiu para produção de alguns assuntos destinados à revista, como a matéria dedicada aos terreiros de Candomblé e Umbanda.

No que concerne à reportagem aqui estudada, ela foi apresentada com duas fotografias ainda no editorial da presente edição. Diferentemente das outras imagens presentes no corpo da matéria não contém sujeitos em sua composição. Enfeitados de flores e adornos que lembram um altar religioso católico, essa característica produz uma aproximação coma tradição religiosa comum na região do leitor³. O requinte e luxo os santos transparece, com vários elementos cautelosos e robustos justificando assim a demonstração de cuidado refinado e bem elaborado, abre visualmente o imaginário acerca da conseqüente matéria dedicada.

³Conforme Ênio José da Costa Brito (2016) estudando a folia de reis em Montes Claros, a região é marcada por uma rica cultura que se volta à valorização dessas práticas, demonstra uma fé católica que transmite e transparece nas tradições populares amplamente praticadas na cidade durante a segunda metade do século XX.

Figura 1: Altar com santos da Umbanda



Fonte: ENCONTRO, Agosto de 1964, p.6 Arquivo pessoal de Lúcio Benquerer

Uma apresentação para suavizar, menos centrada na estética do “proibido” que essas religiões eram costumeiramente vistas. Santa Barbara, ou Iansã em um altar reflete uma posição hierárquica que abaixo aos seus pés, “São Cosme e São Damião” revelam o culto aos *erês* e crianças, algo muito marcante dentro da Umbanda⁴. Esse formato proporcionado pela imagem, onde uma relação de subordinação, destacada pela fé popular que muito perdurava naquele momento estudado.

Nas primeiras páginas, o texto e as imagens configuram uma relação necessária para a construção da narrativa. Estabelecendo uma colaboração das imagens com o texto mantendo assim uma descrição que o acontecimento emergiu para produzir um sentido. Diferentemente de toda a matéria ilustrada, que prevalece a função de amplificação, onde as imagens podem refletir mais do que o texto, mas não contradiz a informação já colocada (VAN DER LINDER, 2011).

⁴As explicações ritualísticas, bem como a definição mais profunda acerca das religiões aqui tratadas, não foram aprofundadas. Portanto, para fins de estudo o Candomblé e a Umbanda aqui, são entendidas como religiões diferentes, mas que estabelecem uma relação por conter elementos semelhantes. Para tal ver PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. 2001

**Figura 2. Primeiras páginas da reportagem
“Nos Terreiros de Umbanda e Candomblé”**



Fonte: ENCONTRO, Agosto de 1964, p.8 Arquivo pessoal de Lúcio Benquerer

O título que inicia a primeira página foi destacado na cor alaranjada e/ou vermelho suave. Ao lado do grande título, apontamos representado o “Cavalo de *Ogum Laje Grande*”, com uma técnica⁵ onde apenas a imagem aparece recortada e junto ao fundo branco, com a mesma cor do nome do texto. Essa imagem ocupa grande parte de toda a página inicial, destacando o Orixá representado. Logo depois, temos uma imagem no tamanho padrão de todas as fotografias da matéria, na casa de umbanda retratada. Uma pequena chamada acima do título, que está em primeiro plano, pouco perceptivo no contexto geral dessa folha introdutória, está escrito “Documento Folclórico”.

A imagem é de um homem com o corpo levemente arqueado, paramentado e com os olhos fechados. Ao lado dessa imagem as palavras *Nos terreiros de Umbanda e Candomblé* estabelece uma relação de complementaridade entre texto e imagem, nos informando que essa imagem do homem, se refere a um personagem – da Umbanda ou do Candomblé. Abaixo do título principal, tem-se um subtítulo em letras menores, *Mistério e Pompa dos Ritos Fetichistas* fazendo a associação da imagem com algo que corresponde a um mistério – reforçado pela posição corporal indecifrável e os olhos fechados do personagem. Mas podemos pensar ainda em termos conceituais, em qual

⁵Essa tonalidade era utilizada nos tons de vermelho e alaranjado, pois, devido às fotos serem em Preto e Branco, e já existirem processos de coloração da imagem, todavia, muitas vezes essa técnica foi utilizada pela revista. Por causa da característica artesanal e regional da publicação, uma forma de dar destaque e “modernizar” as suas páginas.

sentido de mistério? Também no sentido da pompa, que pode ser reforçada pela paramentação do sujeito da imagem. E quanto a “ritos fetichistas”, nos indica que essa manifestação religiosa não será tratada como religião, reduzida como rito.

Não obstante, percebemos posteriormente a divisão que a reportagem produziu, diferenciando um espaço específico para a “Linha de Candomblé” (p.8 e 9) o destaque foi destinado à casa de *Oxose*, chefiada pelo sacerdote Pai Teresinho, e após isso, nas páginas subsequentes estão a oferta que abrangeu a “Linha da umbanda”, do sacerdote José Fernandes⁶. Essa separação foi muito importante, provavelmente nas diferenciações entre as duas religiões e os conceitos que os Pais de Santo tinham diante uma identidade diferente entre suas casas.

Essa dissociação que foi destacada pela publicação que nem sempre se estabeleceu como marcante. No ano de 1952, na então reportagem da *O Cruzeiro* (Rio de Janeiro), os cultos de Umbanda, Candomblé e Espiritismo se misturavam pelos textos fotojornalísticos do periódico.

Figura 3. Desmascarando uma mistificação



Fonte: O Cruzeiro, 1952. p. 128 Arquivo Biblioteca Nacional (online)

⁶Conforme Ângela Cristina Borges, em *Tambores do sertão* (2014), a duas casas destacadas na pesquisa se destacavam como as pioneiras nas religiões de matriz-africana na cidade de Montes Claros. Destacando o valor de José Fernandes que teve sua iniciação como umbandista na Cidade de Belo Horizonte MG, começa assim uma casa onde mantém a Umbanda de mesa e posteriormente tem um aumento gradativo de frequentadores ao longo dos próximos 30 anos. O sacerdote Teresinho de Freitas, inaugura na cidade ao candomblé nagô-vodum, que se aproximava dos cultos bantos e também nagôs efetuados no Brasil daquele momento. Sua origem na religião do estado da Bahia. Os dois terreiros, que apesar de professar religiões distintas, mantiveram funcionamento desde o começo dos anos 1950.

A matéria acima se utiliza das fotografias como uma proposta de revelação, onde o aporte da imagem revela-se assim indispensável para a compreensão da redação, revelando assim uma narrativa que aparece a cada nova imagem. As fotografias aqui estão intercaladas entre tamanhos médios e grandes em alguns momentos ocupam grande parte das páginas. Definindo o culto por meio do transe e possessão, com a intenção de “desmascarar” um culto. O que nos chama atenção para a discussão presente é a ideia de utilizar o termo “macumba” que unifica os cultos, sem fazer uma diferenciação ou explicação mais detalhada dos eventos que estão sendo retratados.

Já a reportagem da *Encontro*, produz essa diferenciação ao destacar os dois terreiros que se tratavam de cultos diferentes bem como faz essa explicação no decorrer de sua matéria ilustrada.

Figura 4. Linha do Candomblé



Fonte: ENCONTRO, Agosto de 1964, p. 9 Arquivo pessoal de Lúcio Benquerer

Contendo quatro imagens, as páginas dedicadas à linha de candomblé apresentando terreiro de “Oxosse Caçador”. O texto estabelece uma relação de complementação entre as fotografias, onde juntas transmitem um significado. Os sujeitos representados são os orixás Iemanjá, Caboclo e a Muzenza e erê que fazem parte do culto, mas não configuram entidades.

As últimas páginas foram destinadas à Umbanda, com fotografias reproduzidas no terreiro dos Filhos de Pai Gonzaga liderada por Pai José Fernandes (Figura 9). As primeiras impressões que as imagens juntamente com o texto transparecem são uma posição diferenciada do o Candomblé nas páginas anteriores. Além da quantidade de fotografias serem maiores, e dos sujeitos representados nas imagens.

Figura 5: Linha da Umbanda



Fonte: ENCONTRO, 1964. p. 10 Arquivo pessoal de Lúcio Benquerer

Essas primeiras concepções destacam, um culto maior, com mais espectadores e principalmente mais filhos de santos⁷ na cena. Com isso, a ideia de um acontecimento extenso, aberto e coletivo salta das páginas como as primeiras expectativas criadas sobre o acontecimento retratado no dia do culto.

A linha da Umbanda recebe uma caracterização muito maior que o Candomblé, bem como um texto que evoca na figura da liderança religiosa de José Fernandes certa força de guia e chefe daqueles cultos realizados. Essa ligação foi tão presente que enxergamos nas seis fotografias reproduzidas nas duas páginas destinadas à matéria (pagina 12 e 3) uma presença destacada do Pai chefe da casa. Cinco, das seis imagens contém o sacerdote presente, comumente incorporado como Preto Velho.

A reportagem ainda ilustra os acontecimentos qualificando-os; conforme destacamos;

⁷É toda pessoa que, efetivamente, tem um compromisso com o orixá, vodun ou inkice e com a religião do candomblé, ou demais religiões afro, podendo chegar à feitura de santo.

Nessas comemorações, que se revestem de grande esplendor, pompa e requinte, expedidos convites para as altas personalidades da vida nacional e a elas comparecem figuras de destaque em Montes Claros, atraídas pela curiosidade e pela **beleza** das passagens ritualísticas, que lembram o fausto e o colorido gritante das cerimônias tribais africanas. (ENCONTRO, 1964. p. 10)

Nota-se que a beleza e requinte foram à chave do nosso questionamento. O que estaria por traz de tal exaltação? Diferentemente do Candomblé nas propostas relativas da Umbanda de Babalaó José Fernandes, a destreza deste local foi muito presente. Mais que isso, ao relatar a presença de “personalidades” à situação com que o terreiro transparece dentro da reportagem se configura como uma proposta para além de um rito religioso distante. Já não foi mais um culto ancestral e africano, nos arredores da cidade, mas sim uma festa que busca na sociedade de Montes Claros ligação com seu cotidiano e a vivência cultural da cidade.

O ambiente do terreiro bem como suas dependências foi retratado pela publicação, o “o salão de roncão”, “quarto de santo”, “as relíquias”, “os paramentos e os amuletos”; “a camarinha”, “a sala do médico”, e “o salão de banquete” construção festiva que exalta grandiosidade durante o texto ressaltando fotografias que demonstram tal relação.

Consoante ainda à caracterização da Umbanda, a redação ainda sugere que; “É um legado **dos elementos negros** que tanto influenciou na formação do tipo étnico brasileiro, a presença do brasileiro traz o odor e a música da macumba” (ENCONTRO, 1964. p. 10). Essa visão sobre essas práticas reforça nesse momento que a religião tem em sua origem o negro. Algo importante, pois, ao relativizar tal palavra propõe uma identidade que foge somente à origem africana que já foi colocada anteriormente.

Justificando assim, nas imagens a relativa apresentação descrita de uma forma breve, mas que resume a ligação do terreiro de Umbanda com o “requinte” demonstrado pela narrativa proposta da matéria. Ao interpretar as imagens, o narrador já articula uma nova percepção para o leitor, pois o texto modifica nossa ideia sobre as imagens veiculadas (VAN DER LINDER, 2011), a sua finalização dando grande validade para as ilustrações que permeiam a imaginação dos seus leitores e o valor das fotografias.

A imagem além de despertar o interesse, justifica-se dentro do corpo jornalístico como uma proposição para alterar uma mensagem, além de construir representações das sociedades que nelas estão sendo significadas (MOSCOVICI, 2005). Sobre essa visão, ao que parece a produção da revista *Encontro* no momento das escolhas das fotografias e da produção do texto que as acompanha bem como as próprias legendas instauraram

umavisão específica, construindo ideias e ao mesmo tempo remodelando imaginários sobre o que seria a Umbanda dentro do cotidiano da matéria ilustrada.

Sobre essas questões, ao instaurar as representações sobre as imagens da Umbanda de José Fernandes, percebemos uma necessidade muito importante de vincular essas propostas ao coletivo, grandioso e provavelmente de aceitação para com esse rito. Diferentemente do início da reportagem em que o ocultismo e a sensação de documentário transparecido pela reportagem, aqui podemos perceber que essa visão foi esquecida principalmente por colocar no terreiro dos Filhos de Pai Gonzaga uma caracterização de festa popularmente cheia e aberta, uma visão muito mais centrada nas propostas de festa religiosas como as católicas do que o “escondido e periférico” Candomblé.

Nesse sentido as seis fotografias presentes na linha da Umbanda retratam uma postura diferenciada. Sua posição em que acima encontramos quatro fotografias destas, que não estão em primeiro plano imediato, mas que ao focar no Preto velho da cerimônia acaba por transparecer todos os visitantes do local muito bem caracterizado das indumentárias próprias da religião. Dentre todas as fotografias da matéria a entidade aparece em cinco, estando incorporado na figura do Sacerdote do local. Algo muito presente, se pensarmos que no texto que acompanha essas fotografias o nome dele aparece três vezes em um curto espaço de tempo.

Com a característica de coletivo presente no terreiro não percebemos a rudimentariedade proposta ao candomblé que foi colocado nas páginas anteriores. Aqui, a festa é grande e demonstra uma riqueza de detalhes e pessoas no seu cotidiano. Vale destacar que por se tratarem de religiões diferentes, podem ter sim uma diferença nos ritos, mas a opção por tal qualificação não foi destacada. Mais do que isso, a própria Umbanda enquanto religião dos espíritos distancia-se do Candomblé que remete o culto a deuses sagrados e distantes, de lendas e costumes africanos. A Umbanda evoca tal facilidade de acesso e principalmente de maior concepção e aceitação.

Concluindo tal análise, a reportagem pretendia trazer uma documentação sobre tal religiosidade na cidade de Montes Claros do ano de 1964. A reportagem institui certas representações que estão diretamente ligadas a uma conjuntura maior, como foi demonstrado por meio da revista *O Cruzeiro*, desta forma propomos pensar aqui como certos conceitos e concepções de Candomblé e Umbanda foram postas nesse período.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo o estudo palavras como misticismo, fetichismo, mistério, culto e práticas foram rotineiramente destacados pelas reportagens aqui analisadas. Desde as produções imagéticas da revista *O Cruzeiro*, que alternava as suas interpretações entre visões etnográficas que qualificavam como cultura. Porém, reduzia essas visões ao coloca-las como práticas com reportagens que tinham uma visão reducionista.

Entrando no território regional que a *Encontro* representava, houve a necessidade de conceituar e diferenciar esses cultos entre Umbanda e Candomblé. Não obstante, essas visões já estavam diluídas, pois procede a mudança de opinião. Acontece que apesar de justificar tal dualidade de processos religiosos, eles ainda são definidos e representados pelo ocultismo. Em toda a reportagem sobre os terreiros de Montes Claros o vínculo tanto textual, como imagético com que as publicações se preocupam define como um aspecto cultural que tem na ancestralidade africana o seu surgimento. Portanto, por que esse vínculo com a cultura? Por que essas visões nesse momento não definem o Candomblé e a Umbanda como religião?

Para entender tal problematização propomos definir que desde antes da década de 1960, relativo ao tempo no qual nossos estudos se encontram, várias visões foram construídas acerca das religiões de Matriz Africana. Desta forma, Andreas Hofbauer, no seu artigo, *Dominação e Contrapoder: o Candomblé no Fogo Cruzado Entre Construções e Desconstruções de Diferença e Significado* (2006), utiliza desses discursos para entender uma construção discursiva sobre essas práticas. Para ele, advindo de uma interpretação se pautava em padrões biológicos e evolucionistas e seguia tais parâmetros para identificar a raça e o mundo da simbolização que seria cultura. Paralelamente seguindo os ensinamentos de Franz Boas, começavam a operar com uma noção sistêmica de cultura, isto é, com a ideia de uma pluralidade cultural (p.2). Conforme o próprio autor, essas produções advindas de uma sociedade na qual as ideias de científicas começam a ser articuladas, definiam essas culturas a partir de produções reducionistas.

Consequentemente, o autor coloca nas interpretações de Arthur Ramos (década de 1940), definições que colocava “padrões de culturas que os negros da África transportavam para o novo mundo” (p.2). Especialmente, desta forma a religiosidade seria exemplificada com o objetivo de melhor avaliar possíveis processos de adaptação e transformação.

Nas interpretações de Roger Bastide, que, não obstante escrevia para a revista *O Cruzeiro*, reconhecido como um grande intelectual inserido no ambiente midiático da década de 1950 vê essas religiões como “resistência cultural”. O autor apoiava-se nas argumentações que o “candomblé resiste a qualquer forma de mistura e às transformações provocadas pela modernização”. O antropólogo, desta forma reduz esse vínculo de ancestralidade ao Candomblé e utiliza a Umbanda como parte de uma sociedade sincrética que representava a aculturação no qual esse ambiente se configurava. É importante entender que esse discurso que faz as duas distinções religiosas também foi utilizado na referida reportagem estudada de Montes Claros. Ao propor uma produção que dividia as duas religiões, e ao mesmo tempo qualificava o Candomblé como um reflexo da cultura africana e Umbanda como uma “mistura”.

Destaca-se que uma produção de interpretações sobre os cultos de Matriz africana fora abordada repetidamente sob a visão da “possessão e transe” como ideia de uma subversão do mundo “real”. Tal questão foi um dos destaques que a revista *O Cruzeiro* representou em algumas das matérias aqui estudadas. Da fotorreportagem de José Medeiros e Arlindo Silva sobre a feitura de santo em um terreiro em Salvador- BA, as produções que buscava uma investigação sobre a verdadeira realidade que “desmascarava”, tinham no transe religioso tal proposta.

Marcio Goldman, ao propor em *A Construção Ritual da Pessoa: A Possessão no Candomblé* refaz esse caminho de entender o discurso criado acerca do transe nas religiões de matriz africana. Ao citar os autores do início do século XX até a década de 1940, ele relata que as interpretações colocavam uma visão cientificista ao perceber tal questão como “regressão”, “estados afetivos profundos e arcaicos” e a uma situação de “perturbação mental” ao qual a essas religiões estavam submetidas.

Para trazer uma alternativa a essas discussões, ele propõe uma visão estruturante da antropologia de Lévi-Strauss onde; O mito, o rito e a estrutura social devem ser encarados como níveis de manifestação dos mecanismos de ajustamento do homem ao mundo e dos homens entre si, níveis que se processam segundo códigos diferentes embora intertraduzíveis, e nenhum dos quais ocupa uma posição privilegiada ou determinada (GOLDMAN, 1982). Nesse sentido, ao relativizar uma autonomia da estrutura da própria religião, ele identifica nas estruturas do ritual, e não busca nele uma “potência de determinação que elas evidentemente não podem possuir”.

Para entender essas práticas tentamos enxergar que essas religiões podem ser percebidas com visões interpretativas, que abordam culturas como textos interpretáveis

concebidos, a princípio, como não conclusivos. Desta forma, conforme Hofbauer (2006) a antropologia de Clifford Geertz abre “caminho para uma autocrítica da produção antropológica, denominada pela literatura especializada de virada literária, dialógica e reflexiva, que se expressaria, de forma mais cristalina, na chamada perspectiva pós-moderna” (p.43).

REFERÊNCIAS

BATISTA, Íria Catarina Queiróz e ABREU, Karen Cristina Kraemer. **A história das revistas no Brasil: Um Olhar Sobre o Segmentado Mercado Editorial.** Boc.ubi 2010. unisinos/unisul-br

BORGES, Ângela Cristina Marques. **Tambores do Sertão: Diferença Colonial e Interculturalidade: Entrelaçamento Entre Umbanda/Quimbanda e Candomblé Angolano Norte de Minas Gerais.** Tese de Doutorado, 2012.PUC-SP

CAMARGO, Denise Conceição Ferraz de. **Imagética do Candomblé: Uma Criação no Espaço Mítico-ritual.** Tese de Doutorado, 2010. Unicamp

ENCONTRO, **Revista Ilustrada.** Disponível no acervo pessoal de Lúcio Benquerer. Edição V de Agosto-Setembro de 1964.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GOLDMAN, Marcio. **A Construção Ritual da Pessoa: A Possessão no Candomblé.** Dissertação de mestrado, Museu Nacional, UFRJ. 1982.

HOFBAUER, Andreas. Dominação e Contrapoder: *O Candomblé no Fogo Cruzado Entre Construções e Desconstruções de Diferença e Significado.* **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, p. 37-79

LINDER, Sophie Van der. **Para Ler O Livro Ilustrado.** Cosac &Naify; Edição: 1ª (28 de março de 2011)

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “Fotografia e a Questão da Indiferença”, in, *Imagens & Ciências Sociais.* João Pessoa, Editora Universitária.1998

MEDEIROS, José. **Candomblé.**São Paulo. Instituto Moreira Salles. 2009

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Rumo a uma “História Visual”. In: MARINS, José de Souza;ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (Org.). **O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais.** Bauru: Edusc, 2005.

PRANDI, Reginaldo. As Religiões Afro-brasileiras e Ascensão e Declínio.In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em Movimento.** O censo de 1990. Petrópolis: Vozes, 2013.

ROMANELLO, Jorge Luiz. **A Natureza no Discurso Fotográfico da Revista O Cruzeiro: Paisagens e Imaginários no Brasil Desenvolvimentista 1954-1961.** 2006. 251 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2006.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo:** Uma Introdução à História, às Técnicas e à Linguagem da Fotografia na Imprensa. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Porto 2002.

TACCA, Fernando de. **O Cruzeiro Versus Paris Match e Life Magazine:** Um Jogo Espetacular. 2009.

TACCA, Fernando Cury de. **Imagens do Sagrado:** Entre a Paris Match e O Cruzeiro. Campinas, SO: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

(Recebido em março de 2018; aceito em maio de 2018)